

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO
19 e 29 de Março de 2022

LE HORLA / 1966

um filme de Jean-Daniel Pollet

Realização: Jean-Daniel Pollet / **Argumento:** Jean-Daniel Pollet, baseado no conto homónimo de Guy de Maupassant / **Direcção de Fotografia:** Jean-Jacques Rochut / **Música:** Ravel / **Conselheiro Científico:** Louis Gayral / **Conselheiro para a cor:** Claude Bellegarde / **Montagem:** François Geissler / **Interpretação:** Laurent Terzieff.

Produção: Laboratoires Sandoz / **Cópia:** dcp, colorida, legendado eletronicamente em português, 38 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

No centro do filme de Jean-Daniel Pollet encontramos a "coisa", a "coisa invisível", não por acaso com origem literária na mais delirante escrita "fantástica" (não importa quão opiácea) de Guy de Maupassant. Em **Le Horla**, filme com apenas uma personagem, construído à base de "flash-backs" e "flash-forwards" (que aqui são acima de tudo uma maneira de saltar por cima do tempo, de o anular, de o tornar, por sua vez, "invisível"), onde praticamente não há "acção" mas apenas relato narrado para um gravador (ou ouvido a partir dele), a "coisa invisível" está destinada a permanecer enquanto tal: como no conto de Maupassant, a sua monstruosidade é, sem chegar a ser uma metáfora, uma figuração ou prefiguração da morte, o elemento imaginário (mas singularmente desprovido de imagem possível) que vem introduzir a angústia de uma extinção iminente. Num belo texto sobre o filme, Serge Daney escreveu que Pollet "*filma entre a condenação e a morte: tudo é sobressalto, agonia próxima, última palavra antes do silêncio*". Ainda segundo Daney, "*para Pollet, cineasta do inexorável, fazer um filme consistiria em ganhar um pouco de tempo, em retardar um desfecho*", sabendo sempre que a morte acabará por chegar e por se impor. Nestas palavras se resume admiravelmente a "dramaturgia" de **Le Horla**. Laurent Terzieff é o único, ou o último homem no mundo, entre recordações (a casa, e as cores, tão vivas, fortíssimos apelos aos sentidos, assim se constituindo em fortíssimos reflexos do que "ainda está vivo") e ruínas (o magistral aproveitamento daqueles "bunkers" que os alemães construíram nas costas do Norte de França durante a II Guerra, sinal de uma presença humana que, no filme, é em si mesma um indício de extermínio). O que, no conto de Maupassant, era alucinação, produto de uma mente alterada, no filme de Pollet adquire uma substância muito mais concreta (diríamos "objectivada", em oposição à subjectiva primeira pessoa do *Horla* de Maupassant). Não há nenhuma razão para acreditar que Terzieff delire, nenhum juízo sobre a sua sanidade – porque o filme, mostrando-nos o mundo vazio, o mundo "que fica", inevitavelmente a confirma. O gravador no barco amarelo (plano repetido, e porventura o plano decisivo) contém o *registo* da agitação e da resistência da personagem, um registo que de certa maneira é o próprio filme. O cinema, a fotografia, o som gravado, as "artes técnicas": vã ilusão de uma permanência, visto que não há ninguém à vista para o receber em legado.

Luís Miguel Oliveira